

jeição, ao contrário da expressão "meu povo", que indica pertença e familiaridade seja como profeta, seja como Javé. "Se diz este povo, então é porque o rejeitou"¹³. De fato, em momento algum fala-se algo de positivo a respeito de este povo. O contexto literal é sempre de acusação, de crítica e de castigo. Chegamos à conclusão que, de um ponto de vista literário, não nos parece sustentável uma interpretação genérica desta expressão. É preciso verificar caso a caso, levando-se em conta o contexto, a intencionalidade do autor e o âmbito específico no qual se encontra a expressão "este povo".

2. O SENTIDO HISTÓRICO E SOCIOLÓGICO DA EXPRESSÃO "ESTE POVO"

O estudo mostrou que, por trás da expressão "este povo", estão a crise e o conflito entre a profecia e os grupos dirigentes de Jerusalém. Concretamente, o conflito entre Isaías e as cortes do rei Acaz (6,9-10, 8,6.11-12) e do rei Ezequias (28,11-14). Somente em 9,15, a expressão se refere aos dirigentes de Samaria.

3. O SENTIDO TEOLÓGICO DA EXPRESSÃO "ESTE POVO"

Neste estudo, verificamos que a expressão "este povo", além, de ter a sua origem no confronto e no conflito com os grupos dirigentes de Jerusalém, está relacionada à prática e ao conteúdo da profecia de Isaías. Esta profecia é o discernimento da fé, sobretudo em tempo de crise e de conflito, "se não crederdes, não vos mantereis firmes" (Cf. 7,9b). Os tex-

tos analisados enfatizam a dimensão política e ideológica do "conflito central". O fazem, porém, a partir de uma experiência pessoal e de uma profunda visão de Deus, típica de Isaías. Refiro-me sobretudo à experiência de "Javé dos Exércitos" sentado no trono (6,1-2); ao "Emanuel/ Deus-conosco" (7,14); a "Javé dos Exércitos que habita no monte Sião" (7,14); a "Javé dos Exércitos que habita no monte Sião" (8,18) e agarrou o profeta com força (8,11a). Este mesmo Deus, que sustenta o profeta, o envia e lhe dá força na sua missão contra "este povo", é também "pedra de tropeço e rocha de obstáculo para as duas casas de Israel" (8,14); um "laço" e uma "armadilha" para este povo que rejeitou a proteção divina (8,6). Para uns, Deus é proteção e segurança ("conosco está Deus"); para outros ("este povo"), castigo e rejeição.

A crise política foi a oportunidade que os grupos dirigentes de Judá tiveram para o discernimento da real vontade de Deus. Por falta de fé e de compreensão, as palavras do profeta acabaram fechando todas as portas e todas as possibilidades de conversão e de mudança para esta classe dirigente. Por outro lado, as palavras do profeta e a sua prática, trouxeram e continuam trazendo ainda hoje, a certeza de que o "Emanuel/ Deus-Conosco" é a força que sustenta todos aqueles que têm sua confiança em Deus e lutam por vida digna, fraterna e solidária. A estes, afirma Jesus atualizando o profeta Isaías, "é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a esses ("este povo") não é dado" (cf. Mt 13, 11. 14-15).

CONSCIÊNCIA E TESTEMUNHO

Pe. Dr. José Adriano

A situação conflitual e de sofrimento reclama uma ação testemunhal da Igreja. Para servir o homem, respondendo ao anseio de liberdade e dignidade, em sua missão evangelizadora, ela assuma uma consciência crítica e aguda de si mesma enquanto missionária de Cristo no mundo, e da situação histórica concreta em que vivem os homens. Formar e despertar a consciência para a verdade de Cristo, da Igreja e do homem, é realizar um testemunho objetivo.

Na realidade em que está empenhada em evangelizar e transformar, a Igreja mostra sua face profundamente profética. Seu testemunho continua o testemunho de Cristo¹ como anúncio de sua Palavra e do Reino do Pai, denúncia das situações de pecado contrárias ao Reino e serviço na caridade e na esperança junto àqueles que estão empenhados em construir uma nova humanidade.

O testemunho da Igreja é o mesmo testemunho de Cristo dado em

favor do homem. Diante de uma situação conflitual nem sempre ele é compreendido e aceito, por isso a Igreja muitas vezes paga tributo ao seu projeto missionário e evangelizador. Assim, a história da evangelização e refrontalização da Igreja é também, muitas vezes, uma história de martírio.

I. CONSCIÊNCIA E TESTEMUNHO

A consciência constitui um importante referencial para o testemunho. Ela é considerada fundamental para discernir o desígnio de Deus na história e na vida do povo. À partir da revelação expressa na Sagrada Escritura e interpretada pelo Magistério da Igreja, junto com os sinais dos tempos, ela forma o quadro dentro do qual os cristãos buscam realizar sua vocação².

Na reflexão teológica e também na ação pastoral, a consciência vem entendida como conhecimento e julgamento da realidade objetiva e, ao

1. Cf. LG 12,36

2. R.RINCaN reconhece a consciência como fenômeno universal de importância histórica, in *Praxis Cristiana*, v.I, Madrid 1980, 347-367

mesmo tempo, orientação para uma atitude criativa³.

O Concílio afirmou que a consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem onde ele se encontra só com Deus e onde ressoa a sua voz⁴. Ela se encontra na raiz mais profunda do humano. É o próprio humano considerado no seu núcleo mais íntimo, chamado a desenvolver-se em uma determinada direção: sua humanização. É pela consciência que o homem pode conhecer a existência, os limites e as possibilidades da realidade da qual faz parte. Ele é um ser ético enquanto assume a constituição de sua existência a partir de um projeto de humanização sempre mais pleno⁵.

Na consciência ressoa a voz de Deus, isto é, na sua origem há uma presença divina que não tolhe mas realiza e dá autonomia ao homem,

por isso, o respeito a ela é um direito inalienável da pessoa⁶. O fato do homem estar presente a si mesmo, em sua consciência e, nela ouvindo a voz de Deus, não o torna ensimesmado, ao contrário, a voz de Deus é sempre interpelante a favor do próximo, portanto, reclama a responsabilidade como dever de fidelidade ao Deus que fala na intimidade do homem⁷. O homem responde ao apelo fundamental de sua consciência quando se insere na dimensão salvífica inaugurada pelo Cristo. O vínculo entre o humano e o divino pode ser denominado *consciência moral* porque é abertura às interpelações concretas de Deus em Jesus Cristo. Deus não só revela o que o homem deve fazer ou deixar de fazer, mas cria a consciência como luz que possibilita a resposta ao seu chamado⁸.

3. Segundo C. MAURER (Kthl, v.VII, 270-326) a consciência tem caráter cognoscitivo e julga as ações no contexto das responsabilidades humanas. Na cultura latina é o conhecimento de si e também conhecimento das virtudes e vícios. Para o AT, o Deus que fala, abre o homem à compreensão de si próprio fazendo-o agir com responsabilidade (Dt 30,14). Ouvir a voz de Deus e ter um coração puro é imperativo para o homem. No NT, especialmente em Paulo, é autoconhecimento indicando o homem presente a si mesmo e que se reconhece no querer e no agir em relação à consciência do próximo (Cf. 1Cor 8,9-12) e como ato de julgar-se a si mesmo a partir do juízo de Deus (Cf. 2Cor 1,12; 4,2). Em Hebreus a má consciência é purificada pelo Batismo. A conversão da consciência corresponde ao nascimento do homem novo, daí que o cristão é *homem consciente*. Na 1Pdr 3,16 *syneidesis agapé* indica a vida cristã.

4. GS 16

5. Conforme X. ZUBIRI, A Revelação é presença real de Deus como realidade pessoal no fundo da realidade humana. Essa presença se faz sensível na *voz da consciência*, através da qual está Deus, manifesto sempre no núcleo de todo homem. Não só é possível o acesso a Deus como Deus está acedido por todos os homens e em todo tempo por ser realidade pessoal que subjaz no mundo e no ser humano. O homem, na sua inquietude radical positiva, assume a atitude singular na execução de seus atos, ouvindo a voz da consciência, isto é, sua própria realidade; in *Sobre la esencia*, Madrid 1985.

6. Segundo J. FUCHS, o homem moderno torna-se, dia a dia, mais consciente de sua dignidade pessoal. O próprio Concílio reconheceu o fato da crescente auto-consciência da pessoa humana. Cf. *La coscienza e l'uomo d'oggi* in *Responsabilità personale e norma morale*, Bologna 1987, 187-209

7. GS 7

8. Cf. F.X. DURR WELL, *In Libertatem vocatis estis*, *Miscellanea Bernhard Häring*, in *Studia Moralia*, XV (1977) Roma 1977.

Na Sagrada Escritura a consciência é o lugar da interpelação de Deus e da eclosão de todos os desejos, intenções e atos do homem⁹. J. Dupont afirma que "a consciência, iluminada pelo Espírito e pela lei interna da caridade, tem a possibilidade de discernir a vontade de Deus e o que agrada ao Senhor. Assim, a consciência, identificada com o coração, é uma instância e função da pessoa"¹⁰.

II. CONSCIÊNCIA E RESPONSABILIDADE

Consciência e responsabilidade estão muito próximas e até intimamente unidas, isto é, a consciência, enquanto conhecimento e vivência do real, está unida à consciência moral enquanto julgamento do dado objetivo. Assim, a consciência psicológica é a consciência testemunho que vê e experimenta, e a consciência moral é a consciência julgadora. Ela acrescenta ao testemunho o seu valor¹¹. O homem consciente, portanto, é responsável de julgar corretamente o mundo em que vive, junto com os outros homens, e agir responsabilmente para humanizá-lo.

Nesse sentido, a consciência moral possui uma dimensão valorativa que se constitui em função da pessoa como parte do testemunho¹². Deus escreve no coração do homem a sua lei e, a dignidade do homem está em obedecer a essa lei¹³. O homem dá testemunho dessa lei agindo responsabilmente no mundo, especialmente com responsabilidade para consigo mesmo e diante daquele que sofre.

A consciência é saber com o outro, ser testemunha, confidente, é também conhecimento reflexivo, portanto, de si mesmo. É ainda um saber-com, compartilhado e dinâmico, enquanto conhecimento e vivência da mesma realidade. Portanto, a voz de Deus que informa a consciência direciona, da mesma forma, à escuta dos apelos concretos da realidade. Por isso, a fidelidade à própria consciência se torna também responsabilidade comunitária na busca de maior realização humana. O Concílio lembrava que "na fidelidade à consciência, os cristãos se unem aos outros homens, para buscar a verdade e para resolver, segundo a verdade, tantos problemas morais que

9. No AT predomina a noção de *coração* como testemunha do valor moral dos atos humanos, por isso, converter a consciência é converter o coração e, a sabedoria é fazer obras boas. No NT a consciência é juízo religioso-moral (2Cor 4,2; 5,11; Rm 13,5); como testemunho (Rm 2,15; 9,1; 2Cor 1,13); disposição moral comum a todos os homens (Rm 2,14); última instância de decisão moral (1Cor 8,10; Rm 14); há o dever de formá-la (1Cor 10,29.30; 11,28; 2Cor 13,5; Gal 6,4) buscando a vontade de Deus (12,2; Ef 5,19) ponderando o que convém (Fil 1,10); tem de ser boa e irrepreensível (At 23,1; 24,16)

10. *Aux origines de la notion chrétienne du conscience morale* in *Studia Helenistica*, nº 5, Paris 1948, 119-153

11. Cf. A. RONDAN, *La conciencia moral*, Madrid 1966, 24

12. D. CAPONE afirma que a dignidade da consciência consiste em ser função e valor da pessoa que dá testemunho em cada decisão moral expressando o ser, em Cristo, Filho de Deus Pai; in *Antropologia, consciência y responsabilidad*, Madrid 1971, 156.

13. GS 16

surgem tanto na vida de cada indivíduo como na vida social. Quanto mais, pois, prevalece a reta consciência, tanto mais as pessoas e os grupos sociais afastam-se da arbitrariedade cega¹⁴. Dessa forma, a dimensão alterativa é importante para a consciência do sofrimento do outro, como igual, semelhante. Diante do sofrimento coletivo se descobre o valor da fraternidade. O sofrimento de um atinge a todos e, no sofrimento de todos, ninguém está isento. Fraternidade, solidariedade, bem como a responsabilidade por si e pelo outro, são componentes essenciais da consciência cristã.

III. O CLAMOR COMO APELO À CONSCIÊNCIA

O contexto ao qual se refere esta análise, apresenta a realidade como apelo à consciência humana, especialmente aquela cristã, na busca da justiça como fundamento da vida social e teologal da fé¹⁵.

Medellin já constatava que "um clamor surdo brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte"¹⁶, e Puebla acrescentou que "esse clamor agora é claro, crescente, impetuoso e ameaçador"¹⁷. Padre Häring corrobora essa reflexão dizendo que "o homem de hoje apela para a consciência quando protesta contra a intolerância dos indi-

víduos, contra a pressão psicológica ou física dos grupos ou do poder, contra os preconceitos, contra o legalismo carente de sensibilidade para com as exigências do amor e da justiça social, contra a obediência cega, contra a violação cruel das leis promulgadas em favor do bem comum, especialmente daquelas destinadas a tutelar os direitos fundamentais de cada pessoa"¹⁸. Dessa forma, esse clamor é a um tempo apelo à consciência e manifestação da consciência da realidade de sofrimento, isto é, apela e sinaliza uma situação que deve mudar. Paulo VI afirmava em Bogotá que "o problema se agravou porque tomastes consciência de vossas necessidade e de vossos sofrimentos e não podeis tolerar que estas situações perdurem sem apresentar-lhes solícito remédio"¹⁹.

Esse clamor dos que sofrem é o ato próprio de quem é ouvido por Deus. Ele nasce de uma dupla fonte: da grandeza da dor que faz gritar e da certeza da fé de que Deus ouve o grito do homem que sofre. Em Ex 3,7-8 Deus vê o sofrimento e a miséria do povo, ouve o seu clamor e vem em seu socorro. Assim, o clamor pode ser o último recurso que resta na vida, mas será sempre o primeiro em ordem à consciência, isto é, Deus por primeiro desperta a consciência humana para o seu desígnio salvífico. A resposta definitiva

à promessa de vir até o povo para salvá-lo Ele a realizou em Jesus de Nazaré. Jesus é a resposta do Pai ao clamor do povo. Veio para que todos tivessem vida em abundância²⁰.

Finalmente, o clamor daquele que sofre orienta para um projeto de reconquista da humanidade perdida e é também ato de fé num futuro de liberdade. Ele é contestador da injustiça cometida e anunciador da verdade de que, em Deus, todos os homens são iguais.

CONSCIÊNCIA E TESTEMUNHO ECLESIAL

A Igreja manifesta a fidelidade a sua missão evangelizadora numa atitude de escuta. Ela ouve o clamor de uma situação de sofrimento e procura dar uma resposta. Esse é o seu testemunho. Ela toma consciência de si mesma, portanto, consciência reflexa de sua responsabilidade pastoral, não podendo ficar indiferente aos graves problemas que sofrem os homens à quem ela tem de

servir. Reconhece que eles tem agora mais consciência da realidade na qual vivem e que os ameaça. Procura ouvir seu clamor e assumir sua causa, no testemunho profético, na promoção da justiça e numa atitude de serviço²¹. Ela busca ainda formar as consciências para a percepção realista dos problemas. Já que o fato moral encontra seu fundamento na análise objetiva da realidade, cada um deve tomar consciência desse fato porque toca diretamente a consciência que é fonte de decisão moral. É elemento essencial à tarefa da Igreja hoje tornar a consciência ingênua em consciência crítica, despertando-a para o sentido da justiça, da responsabilidade social, da solidariedade e da dignidade, para que todos cheguem ao conhecimento da verdade²².

FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

A consciência cristã deve ser uma consciência reta e bem formada²³, pois ela será sempre uma consciên-

14. ibidem

15. Para um estudo do conceito de justiça em relação à consciência veja. M. VIDAL, *Moral de Actitudes*, v.III, Madrid 1979, 88-103

16. Pobreza, 2

17. Puebla 89

18. *Ética cristiana in un'epoca di secolarizzazione*, Roma 1974, 197

19. Medellin, Paz, 6

20. Jo 10,10

21. Puebla, 87, 1134, 1138

22. A Instrução *Libertatis Nuntius* ajuda sobremaneira esta reflexão ao colocar as motivações principais para o testemunho da Igreja em relação a consciência: consciência da liberdade e dignidade do homem, consciência do primado da pessoa sobre as estruturas, afirmação dos direitos inalienáveis das pessoas e dos povos; consciência das exigências de condições econômicas, sociais e políticas que possibilitem o pleno exercício da liberdade; consciência dos obstáculos que impedem o desenvolvimento e ofendem a dignidade humana. A Igreja faz suas essas aspirações e as discerne à luz do Evangelho, revelando ao homem a sua dignidade de pessoa chamada a entrar em comunhão com Deus. O Evangelho de Jesus Cristo provoca uma tomada de consciência aguda da profundidade da liberdade humana e compromete toda a Igreja na busca dessa liberdade. Cf. *Instructio De Libertate Christiana et Liberatione* (22/3/1986) AAS LXXIX (5/5/1987), 554-599

23. "Os cristãos tem o dever de formar sua consciência examinando-se a si mesmos (1Cor 11,28; 2Cor 13,5; Gal 6,4) procurando a vontade de Deus (Rm 12,2; Ef 5,10) ponderando em cada ocasião aquilo que lhes convém (Fl 1,10). A consciência deve ser boa e irrepreensível (At 23,1; 24,16). Para o NT não se pode ter uma consciência pura se não tiver a fé perfeita. A fé é condição indispensável para uma consciência moral cristã. É, portanto, religiosa e dialogal"; ver: M.VIDAL, *Moral de Actitudes*, v.I, Madrid 1977, 277

cia assumida na fé, dialogante e aberta à esperança. A retidão da consciência, segundo o Concílio, é que une os cristãos aos homens de boa vontade²⁴ e se torna consciência verdadeira quando se deixa possuir pelo real em seu dinamismo moral na busca da verdade objetiva²⁵. Existe, pois, para os cristãos empenhados na transformação social, econômica e política, um compromisso de conhecer a verdade objetiva, real, e deixar-se sensibilizar, para poder atuar com consciência reta e verdadeira.

IV. FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA COMO CONSCIENTIZAÇÃO

O tema da formação da consciência afirmado pelo Concílio²⁶ foi entendido por Medellín como "formação da consciência social", denominada de "conscientização"²⁷ e assumido por Puebla como "espírito de crítica" despertado pelo trabalho dos agentes de pastoral²⁸. Na pastoral da Igreja no Brasil o tema foi amplamente difundido no sentido de "permanente educação comunitária" da fé, e da vida social e política²⁹, já que "as estruturas sociais injustas pervertem as consciências e bloqueiam impulsos sadios que nascem do povo"³⁰.

A conscientização se tornou prática de despertar e mover a consciência do outro para uma apreensão e conhecimento da realidade na qual se está inserido, mostrando que, a partir dos valores pessoais e comunitários, pode-se mudar qualitativamente o contexto social³¹. A conscientização quer levar ao discernimento da realidade com o intuito de transformá-la³². Ela começa pela descoberta do significado da existência humana no mundo. "A pessoa humana é um nó de relações"³³. Com isso quer-se dizer que conscientizar é humanizar. A conscientização vem favorecer, em primeiro lugar, a descoberta do sentido profundo da vida humana inserida num contexto histórico e social específico.

A formação da consciência busca a humanização das estruturas sociais: **mundo do trabalho** (sindicatos, associações), **saúde** (hospitais, postos de saúde, centros de atendimento), **política** (partidos, movimentos populares), **economia** (produção industrial, consumo, produção de alimentos). Dessa forma, o processo de conscientização deve transformar a consciência ingênua numa consciência empe-

nhativa³⁴. A conscientização desperta a autenticidade existencial como fidelidade à vocação, à liberdade e à dignidade. A pessoa é livre e, no entanto, precisa fazer-se livre, daí que viver em contínuo processo de busca da liberdade é ato moral bom e obrigatório. Conforme a *Gaudium et Spes* há uma "vontade de liberdade em oposição a uma vontade de poder. Seu fundamento é a consciência da dignidade humana. Esta dignidade encontra no cristianismo seu grau máximo de compreensão e fundamentação"³⁵.

Na apreensão da realidade, dos problemas sociais e de suas causas concretas, descobriu-se uma situação de contradição para a consciência cristã que Puebla classificou de "escândalo"³⁶ por ocorrer num ambiente cristão e de maioria católica. Dessa forma, o processo de formação da consciência, levou em conta o substrato cristão católico do povo, despertando e revalorizando, não só as potencialidades pessoais do indivíduo, mas também do cristão, como membro de uma Igreja, colocando especialmente em relevo o caráter testemunhal de responsabilidade pelo outro. Esse compromisso constitui um fato importante para a militância cristã, pois deu lugar a uma nova maneira de

vivenciar a fé. Tornou-se compromisso histórico³⁷, por isso mesmo crítico, superando uma fase espontânea de apreensão da realidade. A partir da fé e da prática eclesial a realidade circunstante foi, não somente apreendida, mas também julgada. A conscientização se tornou assim "um conhecimento problematizador da realidade, requerendo do homem uma ação transformadora sobre o objeto cognoscível"³⁸.

Nem sempre, porém, o processo de conscientização conseguiu trazer à luz a visão otimista da realidade, de seus valores e possibilidades, refletidos numa mudança de comportamento, atitudes e hábitos. Faltou, segundo A. Hortelano, uma recorrência com maior profundidade ao discernimento do *logos spermatikós*, isto é, a apreensão dos valores da Criação e da Redenção presentes na vida social e, ainda, uma valoração positiva da história da Igreja, já que a consciência cristã é essencialmente eclesial no plano histórico³⁹. O processo da formação da consciência não é puro, por isso, absolutizar posições que são historicamente transitivas, conforme alertou Puebla⁴⁰, pode configurar um dado negativo no balanço do processo de conscientização.

24. GS 16

25. Cf. X.ZUBIRI, o real diz respeito, em primeiro lugar, às relações do homem com as coisas, com os seres, com a história e com Deus como realidade sustentadora da pessoa humana. Há, portanto, um compromisso de todo o ser com a realidade vista, sentida e vivida.

26. GS 87; IM 9,21; DH 14

27. Justiça, 3

28. Nº 77

29. CNBB, Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil, 79

30. Ibidem, 17

31. Ver: A.HORTELANO, Problemas actuales de Moral, v.I, Salamanca 1979, 451-573

32. Cf. A. MOSER, Conscientização e mudança do ethos social brasileiro, in Mudanças na moral do povo brasileiro, Petrópolis 1984, 9-28

33. R.R. BARROS, ¿La educación utilitaria o liberadora?, Madrid 1971, 47

34. O Papa Paulo VI na OA 2, afirmava que "a consciência empenhativa tem por objeto as diferenças flagrantes que subsistem no desenvolvimento econômico, cultural e político das nações"

35. Nºs 12 e 22

36. Puebla 28

37. Sobre a consciência histórica ver: S. FERRARO, *Morale e coscienza storica*, in *Dialogo con Josef Fuchs* (Saggi 26), Roma 1988

38. D. CORCIONE, Poder e autoritarismo no Brasil, in *Perspectivas teológico-pastorais*, São Paulo 1985, 82

39. Cf. *La superconsciencia moral cristiana*, in *La consciencia moral hoy*, Salamanca 1979, 178

40. Nºs. 535-562

Concluindo, pode-se afirmar que o testemunho, como componente indispensável da evangelização, pressupõe uma tomada de consciência da missão, dos valores e da responsabilidade da própria Igreja. Pressu-

põe, ao mesmo tempo, uma tomada de consciência da realidade social para nela inferir e transformar. Ao realizar seu testemunho ela desperta também a consciência do homem possibilitando que ele se torne o agente de sua própria libertação.

DEUS DA VIDA E OS DESAFIOS ECONÔMICOS*

Jung Mo Sung

Neste final do século XX, quando a humanidade se prepara para a entrada no novo milênio e, particularmente, no século XXI, século de tantas ficções científicas, a Igreja da América Latina se põe a meditar sobre os 500 anos de Evangelização e a discutir o futuro da sua missão.

Muitos temas estão em pauta, mas um parece tomar especial predileção dos pobres e dos trabalhadores em geral: o futuro da nossa economia, o sustento do dia-a-dia, a contribuição e o empenho da Igreja neste "lado" fundamental da existência humana. A pergunta quase sempre é a mesma: Em que a Igreja pode contribuir para que as relações e condições econômicas da sociedade possam melhorar? Será que a Igreja tem algo a ver com isto?

Para algumas pessoas e movimentos da Igreja, este tema pode parecer demasiadamente "material", mas todos nós somos obrigados a admitir que sem esta "materialidade" não há povo e nem a Igreja. E se esta "materialidade" da economia é tão vital para os homens, o Deus da Vida deve ter algo a dizer e propor a respeito disso.

Por isso vamos estudar neste pequeno trabalho algumas questões ligadas à relação entre a missão da Igreja de anunciar a boa-nova do Deus da Vida e os desafios econômicos atuais. Como não é possível tratar de todos os desafios, vamos nos restringir a dois principais na atual economia: a nova revolução industrial e a crise da dívida externa dos países da América Latina.

* Este assunto encontra-se mais aprofundado no livro do mesmo autor DEUS NUMA ECONOMIA SEM CORAÇÃO: Pobreza e Neoliberalismo — um desafio à Evangelização, Ed. Paulinas, 1992.